

## SARTRE: UMA FILOSOFIA EM DEFESA DA LIBERDADE E DA ÉTICA

Roberto Carlos Favero<sup>1</sup>

### Resumo:

Este artigo visa mostrar a amplitude e as derivações do conceito de liberdade em Jean-Paul Sartre (1905-1980). Nesse sentido, vem investigar, por meio de análise bibliográfica, as condições de possibilidade de tal conceito como fundamento para um compromisso ético-moral que se traduza em responsabilidade para com a sociedade. É possível deduzir um compromisso ético-moral a partir da liberdade? A filosofia de Sartre contempla uma visão humanista? Tal filosofia, a partir do eixo central de suas concepções, entendido como *liberdade*, apresenta-se como práxis, processo de ação e reflexão na história humana. Sartre, em defesa da filosofia do engajamento, enfatiza a importância de o homem se entregar à ação prática para alargar os horizontes possíveis de cada ser humano livre. Para Sartre, a liberdade é a condição própria do homem e tem por base a atitude de compromisso.

**Palavras-chave:** Liberdade. Ética. Compromisso.

## 1 INTRODUÇÃO

Talvez se tenha tornado comum afirmar que o homem vive e respira uma cultura, fortemente, individualista. Hoje, alimenta-se e se fortalece um império consumista que o homem ocidental vive na sociedade capitalista e hedonista. A civilização contemporânea construiu um ideário de convivência social com base na competição. Logo, o ser humano vê somente vantagens em competir e nenhuma vantagem em cooperar, em envolver-se, deixando de desenvolver, desse modo, um engajamento coletivo, o que lhe dá a falsa impressão de que cada um se basta.

E se cada um se basta, o homem está liberado para ser, pensar e agir deliberadamente, sem medir quaisquer consequências que possam envolver ou atingir os outros. Nesse cenário, parece não existir dúvidas de que estão todos na mesma condição de vítimas da fragilidade do laço social. Seria legítimo, então, perguntar: que papel poderia ser desempenhado pelo homem para reverter tal

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professor titular da Faculdade Murialdo, Caxias do Sul, RS, Brasil. E-mail: [robertocarlosfavero@yahoo.com.br](mailto:robertocarlosfavero@yahoo.com.br)



cenário? Como é possível ajudar a compreender e a superar os desafios que se impõem? Para responder a essas perguntas, recorre-se ao filósofo contemporâneo Jean-Paul Sartre (1905-1980).

O presente artigo visa investigar a amplitude do conceito de liberdade de Jean-Paul Sartre<sup>2</sup>, sendo que esta implica um comprometimento com as causas histórico-sociais que afetam a humanidade. Sobretudo, se é possível sustentar que do conceito de liberdade sartreana deriva um compromisso ético-moral de responsabilidade para com a sociedade. Para analisar tal problemática, buscar-se-á a resposta, sobretudo, na principal obra de Sartre, *O Ser e o Nada* (1943), além de se dialogar com alguns dos comentaristas mais importantes do pensamento sartreano, como Paulo Perdigão que em sua obra *Existência e Liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre*, assinala um lugar importante na compreensão do pensamento de Sartre. Como também, se fundamenta a análise, a seguir, no trabalho de Yvan Salzmann e sua obra *Sartre et l'Authenticité: vers une éthique de la bienveillance réciproque*.

A ética pode ser simplesmente impossível se a liberdade, fonte de todos os valores, recusar a fraternidade. Logo, faz-se necessário compreender a intersubjetividade como relação processual voltada para o compromisso do ser-para-outro. Os fundamentos propostos por Sartre, na construção de um mundo melhor, exigem uma moral da autenticidade e da reciprocidade humana atenta à complexidade da existência, atravessada pela contingência e pela liberdade, reivindicando a existência de uma nova lógica, diferente daquela quantitativa e mercantilista que o homem está, hoje, vivenciando. Trata-se de uma lógica qualitativa em que o ser humano possa ser respeitado e tenha condições de viver dignamente.

Sartre deixou este grande desafio: que é possível, portanto, não só pensar diferentemente o ser humano, mas pensar um homem novo e, conseqüentemente, repensar a ética atual. O projeto ético assenta-se e, sobretudo, está ligado à liberdade e ao fazer responsável, a fim de superar as idiosincrasias da má-fé e outros comportamentos que revelam a injustiça e a falta de compromisso do ser humano.

Portanto, o elogio mais completo que se pode fazer a um pensador como Sartre consiste em dizer que ele soube assumir e levar às suas conseqüências mais

---

<sup>2</sup> SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada** - Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. 17ªed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. No original, SARTRE, Jean-Paul. **L'Être et le Néant**. Paris: Gallimard, 1948. Todas as citações foram feitas consultando a edição francesa, com apoio da tradução portuguesa, modificando esta quando necessário segundo melhor juízo.

extremas as contradições do homem contemporâneo. O seu pensamento é um convite para atravessar sentimentos ímpios, a fim de despir o indivíduo dos resquícios que ainda adulteram, de vasculhar o absurdo para descobrir aquilo que a consciência realmente é, de enfrentar a hipocrisia da má-fé para que a liberdade possa alcançar o nível mais maduro de sua responsabilidade.<sup>3</sup>

## 2 A LIBERDADE: UMA VISÃO HUMANISTA

Todos poderiam viver dentro de compromissos éticos da sociedade. Os homens independentemente de religião ou de classe social não deveriam, de nenhuma forma, permanecer alheios ao que os aflige comunitária e socialmente. De fato, a política é o principal meio em que acontece a mediação entre o espaço individual e o coletivo, porém, a presença das pessoas nas esferas públicas de decisão deve se dar de uma forma participativa. A formação das consciências deve ser privilegiada, pois somente os cidadãos conscientes de seus direitos e deveres podem construir uma nova história, marcada pela justiça.

No dizer do filósofo Antônio Gramsci:

[...] acredito que viver quer dizer tomar partido. Não podem existir os apenas homens, os estranhos à cidade. Quem verdadeiramente vive não pode deixar de ser cidadão (...). Indiferença é óbvia, é parasitismo, é covardia, não é vida. O desafio hoje é muito maior do que no tempo de Marx. Trata-se de alargar os horizontes do fazer histórico a partir de uma atitude insubordinada face aos mandados conformistas. É preciso buscar interlocutores além das estratificações ortodoxamente alinhadas. Inaugura-se, assim, um ritual de participação, momento em que as idéias nascem dos sujeitos estimulados a pensarem. É a condição da vida feliz que enseja asfaltar os caminhos para a cultura da paz<sup>4</sup>.

A indiferença é um dos grandes males que se abate sobre a sociedade. As pessoas, hoje, procuram pouco criar novas formas de inclusão social, alienando-se dos dramas sociais. Uma nova forma de organização da sociedade deveria ser visada. O poder político não é monopólio de uma casta ou de um grupo de privilegiados. A busca de soluções comuns para os problemas sociais poderia ser uma agenda da humanidade.

O filósofo existencialista Jean-Paul Sartre comunga do mesmo ideal de Gramsci. Segundo Sartre, para a interrupção de qualquer barbárie, é preciso revigorar

---

<sup>3</sup> PERDIGÃO, Paulo. **Existência e Liberdade**: uma introdução à filosofia de Sartre. Porto Alegre: L&PM, 1995, p. 9.

<sup>4</sup> GRAMSCI, Antônio. Apud. CORDI, Cassiano et al. **Para Filosofar**. p. 144.

uma espécie de sabedoria ética que sustente uma *pólis* agregadora capaz de abrigar os sujeitos e estar atenta à violação e à liberdade dos seus direitos, defendendo-os sempre que esses estiverem ameaçados. Sartre, segundo Perdigão, afirma que:

Lutarei por dois princípios conjuntos: primeiro, ninguém pode ser livre se todo mundo não o for; segundo, lutarei pelo melhoramento do nível de vida e das condições de trabalho. A liberdade – não metafísica, mas prática - é condicionada pelas proteínas. A vida será humana a partir do dia em que todo mundo puder saciar sua fome e todo homem puder exercer um trabalho nas condições que lhe convém. Lutarei não apenas por um nível de vida melhor, mas também por condições de vida democráticas para todos, pela libertação de todos os explorados, de todos os oprimidos<sup>5</sup>.

Essa perspectiva de um Sartre mais engajado com os dramas humanos foi causada, sobretudo, pelo impacto da Segunda Guerra Mundial que, segundo Cohen-Solal, faz emergir o Sartre militante ético que, pela primeira vez, engaja-se em favor de uma causa social. Situação, liberdade e engajamento são, para ele, as palavras-mestra desse período. Ele organiza igualmente um projeto de investigação do mundo, ao mesmo tempo, global e popular<sup>6</sup>. Nesse momento de seu pensamento, Sartre está sendo claro na defesa dos valores políticos e causas sociais ao redor do mundo, enfatizando a importância de o ser humano no engajamento social. A filosofia do engajamento que propõe Sartre é, antes de tudo, um andar com os pés no chão, ou seja, uma experiência situada num tempo e num espaço.

Assim, é preciso, pois, alargar os horizontes do fazer histórico a partir de uma atitude insubordinada face aos mandados conformistas. Dir-se-ia: um início, um ritual de participação ativa, momento em que as ideias nascem dos sujeitos estimulados a pensarem para agirem livremente.

Para Sartre:

A realidade humana é livre porque não é o bastante, porque está perpetuamente desprendida de si mesmo, e porque aquilo que foi está separado por um nada daquilo que é e daquilo que será [...]. O homem é livre porque não é em si mesmo, mas presença a si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é, precisamente, o nada que é o tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade humana a fazer-se em vez de ser<sup>7</sup>.

A liberdade, também, não poderia ser pura abstração ou absoluta transcendência porque a consciência não vive apartada do mundo, mas inserida nele, comprometida pelo corpo no mundo do Em-Si, sujeita a necessidades concretas. Toda

<sup>5</sup> Esta afirmação é de Sartre e foi transcrita por Paulo Perdigão, que, entretantes, não indica a fonte. (PERDIGÃO, Paulo. **Existência e Liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre**. p. 155).

<sup>6</sup> COHEN-SOLAL, Annie. **Sartre**. Tradução de Paulo Neves. p. 30-31. (tradução nossa).

<sup>7</sup> SARTRE, **SN**, p. 545; **EN**, p. 516.

liberdade é liberdade situada na realidade objetiva e histórica na qual o homem se situa, ou seja, no campo da facticidade<sup>8</sup>. Sartre esclarece:

A liberdade não é um transcender qualquer, de um dado qualquer, mas assumindo o dado em bruto e conferindo-lhe seu sentido, ela escolhe e si mesmo de repente: seu fim é justamente *mudar* este *dado-aqui*, da mesma forma como dado aparece como sendo este dado-aqui à luz do fim escolhido. [...] Toda a escolha é escolha de uma mudança concreta a ser provocada em um dado concreto. Toda situação é concreta<sup>9</sup>.

Em suma, a liberdade é sempre situada: não há, diz Sartre, liberdade separada de limite. Essa reciprocidade deve ser compreendida a partir de uma relação dialética entre possibilidades e limites: o exercício da liberdade é limitado pela situação vivida concretamente. Tais limites possibilitam o exercício da própria liberdade pela condição da resistência.

Assim, entende-se que a obra sartreana não é um pensamento que defende uma liberdade sem nenhum compromisso histórico, liberdade puramente abstrata. Apesar de a liberdade apresentar um forte acento na subjetividade, ela tem implicações concretas na história das sociedades, seja pelo compromisso com as causas sociais, seja pelo engajamento. Há um sujeito consciente e responsável por suas escolhas.

A propósito, Simone de Beauvoir ratifica a importância da subjetividade, já destacada por Sartre. Nas suas palavras: “Quanto mais vivamente um filósofo sublinhar o papel e o valor da subjetividade, mais ele será levado a descrever a experiência metafísica em sua forma singular e temporal”<sup>10</sup>. Quanto mais o sujeito for consciente de sua própria condição, mais fácil encontrará o sentido de sua existência na construção de sua realidade histórica.

Uma vez que *a existência precede a essência*<sup>11</sup>, Sartre apresenta o primeiro princípio do existencialismo no qual o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo. Significa dizer que o homem primeiramente existe, descobre-se neste mundo, e só depois se define. Sendo assim, prioriza a ação, dado que é a partir dela que a “essência” do homem é construída.

Dada a atual realidade, é possível perguntar: o humanismo morreu? Mesmo Sartre sendo um humanismo ateu, ou seja, não fundamentando sua ética num princípio teológico-metafísico, o homem não deixa de ser uma preocupação constante

<sup>8</sup> Ibid., p. 607-608; EN, p. 574-575.

<sup>9</sup> Ibid., p. 624; EN, p. 590. (Grifos do autor).

<sup>10</sup> BEAUVOIR, Simone. *Littérature et métaphysique. Les Temps Modernes*, p. 1159.

<sup>11</sup> SARTRE, SN, p.695; EN, p. 655.

de seu pensamento, portanto o humanismo não está morto à medida que a busca por uma sociedade mais justa e humana é uma meta de sua filosofia. O humanismo é busca pelo ser do outro, quanto mais engajado for nas causas sociais, mais o homem “se humaniza”.

A preocupação humanista que se sente pela convivência e pelo bem-estar humano não desaparece e, no momento em que se exaurir, desaparecerão os seres humanos. Mesmo com a relativização dos direitos humanos e do egoísmo crescente na sociedade neoliberal, o interesse pelo outro não desapareceu e a preocupação com a construção de uma sociedade justa permanece. Se isso não acontecesse, seria o fim de toda a humanidade, pois a civilização seria, rapidamente, dizimada. A aterrorizante violência urbana e os crimes ambientais são um alerta, na perspectiva de que se precisa aprender a viver com mais humanidade.

Há lugar para a esperança neste mundo insensível e humano? Como é possível descobrir os seus caminhos? Pode-se confiar na paz e nos pactos humanos? Nessa sociedade de tantas dúvidas, o filósofo tem por ofício refletir o tempo em que vive. Segundo Platão, a primeira virtude do filósofo é *admirar-se*. A admiração é a condição da qual deriva a capacidade de problematizar, o que marca a filosofia não como posse da verdade, mas como sua eterna busca. Porém, a filosofia humanista não deve limitar-se ao simples admirar. Esta deve ser apenas uma etapa na efetivação de uma sociedade marcada, profundamente, pela justiça.

A filosofia existencial é, por excelência, uma das grandes buscas teóricas que a civilização do século XX empreendeu para compreender-se. A humanidade clama por uma razão que não exclua milhões de homens e mulheres. Cabe à filosofia dar condições para a construção de um referencial ético-reflexivo que sinalize à sociedade valores propositivos e afirmativos. O caminho da racionalidade deve ser o de seguir na construção de um espaço de vida marcado por sentimentos de justiça que passem por uma reflexão coerente e um engajamento social.

Com sua defesa incontestável da liberdade humana, Sartre concebe a existência do homem como um permanente projeto pleno de possibilidades. Esta característica confere ao ser humano a visão de uma sociedade em mudança, talvez de um mundo melhor. Segundo a filósofa Cecília Pires, a humanidade evoluiu, caminhou, gradativamente, para o reconhecimento dos direitos humanos. No entanto, o desrespeito a esses direitos ainda permanece, visto que são muitas as crueldades que ainda ocorrem neste tempo. São muitos os homens e muitas as mulheres que

sentem e sofrem a exclusão social, nas várias formas de marginalização e violência simbólica e social. Para a filósofa Cecília Pires:

Há graves problemas em alguns segmentos da sociedade civil, como os que ocorrem com meninas e meninos de rua, com as mulheres violentadas, com os negros discriminados, com os operários famintos, cuja escassez demanda ações eficazes e urgentes, que lhes indiquem a possibilidade de saída. A eles não interessa o êxito de tal facção ou agrupamento partidário, eclesial ou educacional. As suas urgências são originárias, entranham seu ser. Eles precisam se saber sujeitos, para que se entendam como pessoas de direito. E isso significa saber desse saber, ter consciência dos próprios direitos.<sup>12</sup>

Os sofrimentos que atingem as pessoas nas formas mais humilhantes precisam ser, urgentemente, superados. O processo de inclusão social não se dá apenas pela vontade de uma força social superior, com efeito, ele deve ser protagonizado pelos próprios marginalizados, pois a construção de uma sociedade marcada pela justiça deve partir não somente, mas, sobretudo, daqueles que mais necessitam da efetivação dos direitos.

### 3 O COMPROMISSO ÉTICO

A sociedade se depara com grandes desafios éticos e não há possibilidade de construí-la mais justa, se não o ser humano não conseguir refletir, adequadamente, a fim de fornecer-lhe respostas à altura dos desafios éticos deste tempo. Quando se tenta formular uma reflexão ética, não se deve jamais esquecer de que as razões e o porquê da ética estão na imediata determinação dos regramentos individuais e sociais.<sup>13</sup>

O ser humano emite juízos morais situados num contexto histórico. Não há um código de moral ou preceitos éticos que não estejam situados numa determinada sociedade, enquadrada num determinado quadrante espaço-temporal. Os horizontes da ética se referem aos limites do que é ou não permitido numa específica sociedade.

Sartre aceita a teoria da intencionalidade de Husserl ao afirmar que conhecer ou ter consciência é sempre ter consciência de alguma coisa, e ter consciência de alguma coisa é construir significados face ao próprio Ser. “A consciência é um ser cuja existência coloca a essência, e, inversamente, é consciência de um ser cuja essência implica a existência, ou seja, cuja aparência exige ser. O ser está em toda parte”<sup>14</sup>.

---

12 PIRES, Cecília Maria. *Ética da Necessidade e outros desafios*. p. 135.

13 *Ibidem*, p. 118.

14 *Ibid.*, p. 35; **EN**, p. 29.

O autor extrai dessa descrição uma dinâmica da consciência que ultrapassa a si mesmo e compreende o mundo dos objetos, além da aparência. O ser para a consciência é transfenomenal. Sartre entende que o homem tem um compromisso com a humanidade porque ao escolher um projeto de vida, ele é, absolutamente, responsável pelo sustento desse projeto<sup>15</sup>. Ele precisa sustentar, por meio do seu agir, os valores que compõem a moralidade, servindo de parâmetro para a existência de toda a humanidade. Ao escolher um determinado tipo de homem, escolhe-se, não só o tipo que serve, mas também o que deve servir de protótipo para a humanidade toda.

Para compreender melhor o conceito de escolha, faz-se necessário recorrer ao texto de sua conferência, *O Existencialismo é um Humanismo*, no qual Sartre argumenta que, ao se fazer uma escolha, cria-se uma autoimagem do homem tal como ele deve ser e, dessa forma, uma imagem que engloba toda humanidade. Sartre afirma:

Quando dizemos que o homem se escolhe a si, queremos dizer que cada um de nós se escolhe a si próprio; mas com isso queremos também dizer que, ao escolher-se a si próprio, ele escolhe todos os homens. Com efeito, não há dos nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser. [...] Assim, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, porque ela envolve toda humanidade<sup>16</sup>.

Dessa forma, para Sartre, na medida em que o homem é o ser pelo qual há um mundo, ele é autor desse mundo, bem como de si mesmo, porque ele faz ser não como criadores ou produtores, mas na “maneira de ser”, na maneira como escolhe na situação.

Disse Sartre:

Não serei eu quem determina o coeficiente de adversidade das coisas e até sua imprevisibilidade ao decidir por mim mesmo? Assim, não há *acidentes* em uma vida; uma ocorrência comum que irrompe subitamente e me carrega não provém de fora; se sou mobilizado em uma guerra, esta guerra é *minha* guerra, é feita à minha imagem e eu a mereço<sup>17</sup>.

A responsabilidade não é, portanto, uma ideia simplesmente adicional à de liberdade, ela é constitutiva, podendo ser deduzida das descrições anteriores a respeito do ser livre e da consciência.

Por isso, Sartre disse que a consequência essencial das observações anteriores é a de que um homem “estando condenado a ser livre, carrega nos ombros

<sup>15</sup> SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. p. 5-6.

<sup>16</sup> SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. p. 12-13. SARTRE, Jean-Paul. *L'existencialisme est un Humanisme* p. 31-32.

<sup>17</sup> SARTRE, *SN*, p. 678-679; *EN*, p. 639-640.

o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser”<sup>18</sup>. A noção de responsabilidade funda a relação entre o homem condenado a ser livre e a ética do compromisso.

A responsabilidade é uma reivindicação das consequências da liberdade. Aquilo que ocorre ao homem é seu acontecimento e, assim, ele compromete-se com aqueles que, de uma maneira ou outra, estão envolvidos também. Por mais insignificante que seja, o fazer cotidiano do homem é comprometido com o outro. Qualquer escolha deve ser responsável em face de qualquer situação, mesmo não existindo nenhum valor *a priori* que a defina.

É possível afirmar e comprovar que, em Sartre, mesmo não descrevendo propriamente uma moral, é perfeitamente possível perceber o peso enorme que ela possui em suas ideias. Para facilitar a interpretação e sustentar a tese de uma moral sartreana, recorre-se ao autor sartreano Paulo Perdigão que diz:

Na verdade, em *O Ser e o Nada*, todo esforço intelectual de Sartre destinava-se a demonstrar que o homem é livre, (...) Sartre respondeu que o único dogma do existencialismo é a afirmação da liberdade humana, explicando que a sua doutrina não conduz a um “quietismo de angústia”, mas, pelo contrário, define o homem pela ação prática: o homem deve criar a sua própria essência, e para isso deve lançar-se no mundo, sofrendo e lutando, assim definindo-se pouco a pouco. “O existencialismo – disse – é uma filosofia humanista da ação, do esforço, do combate, da solidariedade”<sup>19</sup>.

O pensamento filosófico de Sartre, portanto, permite um alargamento de perspectivas e de compromissos éticos e sociais. Assim, o seu pensamento propõe recolocar sobre os ombros do homem, sujeito, a responsabilidade total de produzir e justificar os seus próprios valores universais. Ao assumir suas escolhas e, conseqüentemente, suas decisões, o ser humano superará as dificuldades geradas pelos outros ou por ele mesmo. Sartre, ao priorizar a ação humana, chama a atenção de cada indivíduo para a liberdade que possui e que torna-se presente por meio do agir humano. O indivíduo tem, em suas mãos, a possibilidade de romper processos e dizer não à conjuntura, modificando o rumo de suas ações e de refletir sobre elas no seu contexto existencial.

Segundo Sartre:

Sou *abandonado* no mundo, não no sentido de que permanecesse desamparado e passivo em um universo hostil, tal como a tábua que flutua sobre água, mas, ao contrário, no sentido de que me deparo subitamente sozinho e sem ajuda, comprometido em um mundo pelo qual sou

<sup>18</sup> Ibid., p. 678; EN, p. 639.

<sup>19</sup>PERDIGÃO. Paulo. **Existência e Liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre**. p. 22.

inteiramente responsável, sem poder, por mais que tente, livrar-me um instante sequer desta responsabilidade de ser-no-mundo<sup>20</sup>.

Pode-se perguntar o que seria o abandono? Sartre defende que não há nada pré-fixado para o homem em sua existência no mundo. O homem, de certa forma, está, totalmente, abandonado à sua própria liberdade. A liberdade e a responsabilidade são originárias, ou seja, são um convite ao transcender-se enquanto existência. No dizer de Sartre,

Assim, a facticidade está por toda parte, porém inapreensível; jamais encontro senão a minha responsabilidade, daí por que não posso indagar por que nasci, maldizer o dia de meu nascimento ou declarar que não pedi para nascer, pois essas diferentes atitudes com relação ao meu nascimento, ou seja, com relação ao fato de que realizarão uma presença no mundo, nada mais são precisamente, do que maneiras de assumir com plena responsabilidade este nascimento e fazê-lo meu<sup>21</sup>.

Dessa maneira, para Sartre, nada impede a liberdade, nem as situações e nem as emoções. Nas situações condicionantes, o homem continua livre porque todo o condicionamento que existe, na situação, dependerá do projeto de cada um. É a liberdade que determinará a situação, porque são os objetivos do homem que farão das coisas possibilidades ou limites. A responsabilidade deve ser uma característica de todo o agir livre humano.

Sartre, com seu pensamento, abre caminhos novos e vem justificar a sua tese da necessidade de unir a reflexão teórica à ação prática e abraçar com coragem e responsabilidade as questões pertinentes à esfera humana: o resgate do ser humano e o direito à cidadania; o surgimento de uma nova cultura, a cultura da responsabilidade ou cultura da solidariedade. Reafirma-se, assim, o que Fernet-Betancourt expressa:

A especificação da questão intercultural, como Sartre deve enfatizar, é inseparável de seu compromisso político pela luta de libertação dos povos do Terceiro Mundo e das minorias oprimidas. Isso é no fundo uma consequência necessária da concepção de ser humano como a liberdade, ou a ideia que serve como um marco na arquitetura de sua filosofia inteira. É a liberdade, mais precisamente, a ideia de afirmar a liberdade como um objetivo da realização do verdadeiro ser humano sem discriminação de qualquer tipo, como uma exigência da universal ordem sócio-política em que os seres humanos, o respeito pela sua liberdade, é reconhecida e tratada de igual para igual. Sartre teve que tematizar a questão em termos intercultural numa dimensão inerente no desenvolvimento e especificidade histórica de sua filosofia de liberdade<sup>22</sup>.

<sup>20</sup>SARTRE, SN, p. 680; EN, p. 641.

<sup>21</sup>SARTRE, op. cit., p. 680-681; EN, p. 641.

<sup>22</sup>FORNET-BETANCOURT, Raul. et al. L'humanisme solidaire de Sartre: Anticipation de l'universalité et de la philosophie interculturelles. In: GOMEZ-MULLER, A. (Org.). *Sartre et la Culture de L'autre*. p. 148-149. (Tradução nossa).

Uma das discussões filosóficas contemporâneas é a da liberdade ética e essa está intimamente ligada à comunidade humana. As relações não são de contiguidade, mas de intersubjetividade, de engajamento, isto é, o ser humano não está, simplesmente, um ao lado do outro, mas é feito um pelo outro. Sendo assim, não se pode falar propriamente do ser humano como se ele fosse uma ilha, visto que ele necessita compartilhar sua existência com os demais indivíduos. Por isso, *o homem é um ser social*.

O indivíduo não existe como ser humano fora do meio social. Além dos impulsos vitais que levam os homens a juntarem-se ou a oporem-se uns aos outros, eles são estimulados a compartilhar a sua própria existência com os demais e, além disso, são movidos pela necessidade de buscar o bem comum. Assim sendo, para garantir o bem individual e coletivo e para a concretização do bem comum, acha-se indispensável a compreensão da autenticidade como Sartre aborda. Yvan Salzmann, um dos pensadores franceses estudiosos do pensamento de Sartre, afirma:

Essa autenticidade é tentar fazer uma moralidade concreta. O agente moral deve, realmente, estar ciente do que está sendo feito e existem valores – a partir de umas contingências originais – que não são mudados em ações transformadoras e criativas que mostram toda a sua inalterável liberdade <sup>23</sup>.

De fato, aprendeu-se com Sartre que, ao querer a liberdade pela liberdade, descobre-se que nunca o ser humano foi plenamente livre. E se ele não é, os outros também não o são. A liberdade humana acontece no inter-relacionamento com os outros, na relação cotidiana com as pessoas. Se os outros oprimem o homem, impedindo que ele se manifeste, então, a sua liberdade é precária. Portanto, a liberdade acontece quando as duas partes têm um compromisso com o outro, assumindo, reciprocamente, a defesa pela liberdade de todos em todas as formas de manifestação. A filosofia de Sartre é uma defesa radical da verdade, na qual cada homem escolhe o seu destino e constrói a sua história.

O caráter social da liberdade contrapõe-se à ideia individualista de liberdade herdada da tradição liberal burguesa, cuja concepção clássica era a liberdade de cada um que era limitada unicamente pela liberdade dos demais, ou seja, a liberdade de cada um encontrava o seu limite na liberdade do outro. No entanto, nem sempre a liberdade de escolha é tão livre quanto se apregoa, sobretudo nas sociedades em que predominam privilégios para poucos, restringindo o campo de ação livre da maioria.

---

<sup>23</sup>SALZMANN, Yvan. **Sartre et l'Authenticité: vers une éthique de la bienveillance réciproque**. p. 114. (Tradução do autor do trabalho).

Sartre nunca deixou de se preocupar com os problemas de seu tempo. Por isso, defendeu a necessidade de um engajamento social em prol da construção de uma sociedade mais justa e responsável. Logo, para o filósofo, o ser humano tem uma responsabilidade pessoal por tudo o que acontece dentro de sua história de vida.

Apesar de todas as mudanças de pensamento em sua vida intelectual, ele nunca deixou de se preocupar com os problemas que atingiam a sociedade de sua época. Antes, ele buscou uma compreensão do homem que não fosse fragmentada ou que estivesse estilhaçada pelas ciências positivas, buscando, principalmente, ver e analisar o homem como um todo na sua unidade.

Sabe-se de que a vida moral só é possível como ação baseada na cooperação, na reciprocidade e no desenvolvimento da responsabilidade e do compromisso. Só assim, torna-se viável a efetiva liberdade de cada um. Nesse sentido, o outro não é limite da liberdade do homem, mas a condição para atingi-la. Parece prudente atentar bem para o que se escolhe e para o que se faz, procurando adquirir um certo *saber-viver* que permita ao homem acertar. A ética é uma necessidade humana, mais do que ser uma reflexão sobre os costumes, pois não há possibilidade de existência sem uma vida marcada por ações éticas.

No entanto, a sociedade existe, sobretudo, porque os homens não só acreditam que cumprindo as normas éticas eles viverão em paz, mas, sobretudo, porque a existência humana vivida eticamente torna o homem mais humano. Não há formas de vida que possam ser aceitas se não tiverem o homem como fundamento e ideal último da sociedade, pois o ser humano experiencia, fundamentalmente, a ética.

A experiência ética é uma experiência humana fundamental, é a nossa condição de pessoas, que nos leva a assumir valores éticos. As questões – que devo fazer? Como devo agir? O que posso escolher? – estão inseridos no âmbito do convívio social, uma vez que não somos sujeitos programados, determinados como objetos, sem vontade ou sem liberdade<sup>24</sup>.

O convívio social é o ambiente em que a ética é vivida e pode ser transformada. Se há um grande apelo, a fim de que se possa construir uma nova sociedade, este passa por uma grande ruptura com os modelos e estereótipos éticos que não privilegiam o ser humano, tornando-o um meio e não um fim em si mesmo.

A valorização do humano passou a ser um dos temas mais urgentes desta época, tão carente de um discurso ético que incluía os marginalizados, como,

---

<sup>24</sup> Ibidem. p. 118.

principalmente, de práticas includentes, através de políticas afirmativas, tanto públicas como privadas de promoção da cidadania.

O relativismo ético se apresenta como um dos grandes obstáculos à superação desse estado de falência ético-moral a que se assiste hoje. Nada proíbe pensar que valores relativos a esta ou àquela sociedade possam se tornar e se tornam cada vez mais relativos à humanidade em seu conjunto<sup>25</sup>. Essa permissividade teórica que não impõe limite algum e não proíbe pensar a relativização dos valores é que torna frágil toda tentativa de engendramento de um novo sistema moral.

A perplexidade de Sponville é ainda maior, porque se está ao ponto de flexibilizar a noção de Direitos Humanos. Uma conquista muito cara para a sociedade humana do século XX e que foi conseguida sob as cinzas da 2ª Guerra Mundial.

Não é a um processo assim, de universalização crescente, que assistimos hoje, em torno dos chamados "Direitos Humanos"? Se temos, no essencial, o mesmo corpo, o mesmo cérebro, a mesma razão, se temos cada vez mais a mesma história e a mesma civilização, como não teríamos também, cada vez mais, os mesmos valores ou os mesmos ideais? A moral pode permanecer ao mesmo tempo absolutamente particular (toda moral é humana) sem deixar de tornar-se relativamente universal (todos os homens podem ter, de direito, a mesma moral, e nada impede que a tenham, de fato, cada vez mais)<sup>26</sup>.

Está crescendo, todavia, a consciência de que há certos valores e preceitos que não podem ser abandonados ou relativizados de modo algum. A luta pelos direitos humanos não poderá jamais ser deixada de lado e será sempre um desafio para as próximas gerações. Uma sociedade que relativiza os direitos humanos está condenada à implosão do pacto social porque nada pode ser pior do que desconsiderar a primazia da vida humana diante dos instintos humanos e, sobremaneira, os mais narcísicos e ególatras.

A filosofia sartreana desafia o homem e o faz refletir sobre a necessidade de cada ser humano tomar em mão as rédeas de si mesmo e de ser protagonista consciente de sua história. O filósofo trata dessa questão na quarta parte da obra *O Ser e o Nada*, intitulada *Ter, Fazer e Ser*<sup>27</sup>. Não basta ter somente uma consciência crítica da realidade, mas, também, é necessário um agir ativo nas transformações sociais.

---

<sup>25</sup> CONTE-SPONVILLE, Andre & FERRY, Luc. **Sabedoria dos Modernos**. p. 37.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 37.

<sup>27</sup>SARTRE, **SN**, p. 535; **EN**, p. 508.

Os procedimentos éticos sartreanos não têm a finalidade de dizer como deve ser a economia e a política. No entanto, a economia, como a política, não podem desenvolver-se sem a ética. A ética perpassa, transversalmente, as dimensões sócio-econômico-políticas e culturais das relações sociais. Não é possível viver sem uma ética básica que não contemple a relação intersubjetiva, pois, é a partir da relação intersubjetiva, neste contexto, escolha-engajamento-compromisso, que a liberdade adquire substancialidade ética.

O projeto do homem só se faz em contato com o projeto que o outro é, não para imitá-lo, mas para conferir autenticidade ao seu próprio projeto. A questão do outro é uma realidade que perpassa a obra de Sartre. “O outro é o meu inferno”, como ele afirma em sua peça *Entre Quatro Paredes*. Dizer que o inferno é os outros produziu um tremor forte nas consciências daqueles que aceitavam, ainda que de modo falso, a presença alheia no seu universo subjetivo<sup>28</sup>. Refere-se à falsidade porque todos sabem das dificuldades que tem-se ao lidar consigo mesmo, com os próprios limites e incoerências, quanto mais lidar com tudo isso no universo de estranhamento que o outro produz.

Isto não significa dizer que a presença do outro é insuportável, que ele deve ser aniquilado ou qualquer defesa proselitista acerca dos melhores e piores sujeitos do mundo. O que é preciso entender, sem recuar na compreensão sartreana, é que há uma indicação concreta de que é necessário preservar a subjetividade.

Usada sem o devido contexto, tal sentença causa certo alvoroço e frenesi, como se por meio dela Sartre quisesse anular a importância capital que tem o outro; e ainda, se isso desse margem para a justificação de uma espécie de individualismo solipsista ou de ostracismo, quando, na verdade, a presença do outro é tão importante que a metáfora do inferno é empregada de modo e a fazer o homem sentir a profundidade do impacto da existência do outro sobre ele. Afirma a esse respeito Sartre:

[...] o 'ser-com' tem significação completamente diferente: o 'com' não designa a relação recíproca de reconhecimento e luta resultante da aparição no meio do mundo de uma outra realidade-humana que não a minha. Expressa

<sup>28</sup>Sartre escreveu esta frase em **O Ser e o Nada**, numa entrevista concedida em 1965, traduzida posteriormente e publicada em *Le Magazine Littéraire* (1971) em que ele explica o que afirmara Cf. Sartre: Poder, violência y revolución. Introducción y selección de textos de: RODRIGUES, José Luis. 1987, p. 110: “O inferno são os outros, na medida em que todo o mundo está imerso desde o nascimento em uma situação que o obriga a estar submetido. Se nasce filho de um homem rico ou de um argelino, ou de um médico, ou de um americano. Desde este momento se tem um futuro traçado, um futuro que os outros lhes deram. Esse determinismo é o inferno que deve ser negado para que o sujeito possa realizar seu projeto próprio”.

sobretudo uma espécie de solidariedade ontológica para a exploração desse mundo <sup>29</sup>.

O fato de que o outro é objeto para mim, da mesma forma que eu sou objeto para ele, não constitui um ponto negativo da filosofia de Sartre, quer dizer, tão somente que o outro é um mediador com o qual eu preciso contar para construir minha existência. É assim que Sartre redescobre a intersubjetividade. Na conferência *O Existencialismo é um humanismo* (1945), Sartre afirma a inteira dependência do homem do outro, a sua necessidade de que ele, também, exista quando diz,

O outro é indispensável à minha existência, tal como, aliás, ao conhecimento que eu tenho de mim. [...] Assim descobrimos imediatamente um mundo a que chamaremos de intersubjetividade e é nesse mundo que o homem decide o que ele é e o que são os outros <sup>30</sup>.

E esse retorno existencialista à subjetividade, como campo sobre o qual se pode dizer com segurança alguma coisa, é, segundo ele, a única forma de conferir dignidade ao homem. Como já se abordou aqui, o conceito de subjetividade em Sartre refere-se especificamente à tessitura do acontecimento humano que se constitui, arduamente, por si mesmo, e não de acordo com determinações naturais, divinas ou transcendentais.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filósofo Jean-Paul Sartre adverte o ser humano para a necessidade de uma ação conjunta para enfrentar os desafios sociais. Percebe-se que quando o homem desaprende de ser solidário, ele empobrece suas relações sociais e sua própria condição de humanidade, que se realiza a partir da intersubjetividade com os outros. Ao abrir mão da intrínseca relação entre o eu e o outro, perde-se a dimensão da construção social que se dá coletivamente. Logo, o pensamento sartreano assevera que o uso da liberdade do homem depende, exclusivamente, da sua responsabilidade.

Sartre identifica na liberdade todas as possibilidades do ser humano realizar seus projetos de autonomia da consciência. E isso tem preço: o do enfrentamento contínuo e coerente de tudo aquilo que for empecilho para o humano se realizar na totalidade de sua existência. Os homens devem ser solidários uns aos outros para que a escassez possa ser superada. No âmbito da escassez, a liberdade não se realiza.

<sup>29</sup> SARTRE, Jean-Paul. **SN**. p. 317-318.

<sup>30</sup> SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. p. 22.

Nisso consiste a responsabilidade moral, daí o dizer que na minha escolha está a escolha da humanidade, na medida em que o projeto de liberdade é um projeto humano.

Portanto, o modo do homem estar no mundo, se consciente e responsável de sua missão, é justamente para poder melhorá-lo, aprimorá-lo, tornando-o cada vez mais humanizado e habitável. O compromisso significa engajamento e esse representa o dever de analisar a situação concreta em que se vive, tornando-se solidário nos acontecimentos de seu tempo. Comprometer-se é optar, é envolver-se, é responsabilizar-se num empenho radical. A medula do compromisso está na liberdade e na responsabilidade.

Ao falar e vivenciar a liberdade pautada na ética, na solidariedade, no engajamento e na prática da justiça, mesmo que na obra de Sartre não haja o conceito de cidadania, e o filósofo não use esse termo, pensa-se que é o conceito mais próximo do que seria uma possível ética sartreana numa linguagem do século XXI. É uma forma de traduzir a ética sartreana para o tempo atual. Defende-se, pois, que a cidadania é este elemento integrante do comprometimento do homem, isto é, inserido, ativamente, na realidade social. Sendo assim, uma maneira palpável de edificar e construir espaços na sociedade, para, de fato, existir uma convivência mais humana para todos.

De acordo com o pensamento sartreano, o exercício da cidadania não pode ser uma prática isolada, solipsista, mas uma ação coletiva, comunitária, em favor da vida, em favor dos que estão à margem do tecido social, integrando-os no corpo social. Para isso, é fundamental que cada sujeito participe da vida política, econômica, social e cultural de sua cidade, de seu país e do mundo.

O humanismo do século XXI deve ir além do humanismo filosófico de Jean-Paul Sartre do século XX, porque de lá para cá os desafios para o humanismo aumentaram, em virtude de um esfacelamento ético cada vez maior. Precisa-se intensificar as habilidades para lidar com o real, olhando de forma mais ampla e crítica para a realidade. O homem deve procurar não só dentro de si mesmo, mas interagir, permanentemente, com o social.

Conclui-se a partir deste artigo que a filosofia humanista de Jean-Paul Sartre faz ao homem um apelo e um alerta fundamental neste tempo atual, no qual a ética não pode ser a vida individual, privada, pautada somente pelos interesses pessoais. A concretização do bem, a busca da felicidade só terá sentido ético se incluir o

próximo, o outro, isto é, fazer da felicidade do próximo o motivo de suas inquietações, das suas ações.



## **SARTRE: A PHILOSOPHY IN DEFENSE OF FREEDOM AND ETHICS**

### **Abstract:**

This article aims to show the amplitude and derivations of freedom as a concept in Jean-Paul Sartre's selected works (1905-1980). In this sense, utilizing bibliographic research, it investigates the conditions of possibility of such a concept as a basis for an ethical-moral commitment that translates itself into responsibility towards society. Is it possible to derive an ethical-moral commitment from freedom? Does Sartre's philosophy contemplate a humanist vision? Based on the central axis of its conceptions, understood as freedom, this philosophy presents itself as a praxis, a process of action and reflection in human history. Supporting the philosophy of engagement, Sartre emphasizes the importance of man indulging in practical action to widen the horizons of every free human being. For Sartre, freedom is the condition of man and is based on the attitude of commitment.

**Keywords:** Freedom. Ethics. Commitment.

## **SARTRE: UNA FILOSOFÍA EN DEFENSA DE LA LIBERTAD Y ÉTICA**

### **Resumen:**

Este artículo pretende mostrar la amplitud y las derivaciones del concepto de libertad en Jean-Paul Sartre (1905-1980). En este sentido, viene a investigar, por medio del análisis bibliográfico, las condiciones de posibilidad de tal concepto como fundamento para un compromiso ético-moral que se traduzca en responsabilidad para con la sociedad. Es posible deducir un compromiso ético-moral a partir de la libertad? La filosofía de Sartre contempla una visión humanista? Tal filosofía, a partir del eje central de sus concepciones, entendido como libertad, se presenta como praxis, proceso de acción y reflexión en la historia humana. Sartre, en defensa de la filosofía del compromiso, enfatiza la importancia de que el hombre se entregue a la acción práctica para ensanchar los horizontes posibles de cada ser humano libre. Para Sartre, la libertad es la condición propia del hombre y se basa en la actitud de compromiso.

**Palabras clave:** Libertad. Ética. Compromiso.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **Littérature Et métaphysique**. Les Temps Modernes, vol. 1, n.º 7, Avril. 1946.

CONTE-SPONVILLE, Andre & FERRY, Luc. **Sabedoria dos Modernos**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

COHEN-SOLAL, Annie. **Sartre**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2005.

FORNET-BETANCOURT, R. et al. L'humanisme solidaire de Sartre: Anticipation de l'universalité et de la philosophie interculturelles. In: GOMEZ-MULLER, A (Org.). **Sartre et la Culture de L 'autre**. Paris: L' Harmattan, 2006, p. 145-160.

GRAMSCI, Antônio. Apud. CORDI, Cassiano et al. **Para Filosofar**. São Paulo: Scipione 1995.

PERDIGÃO, Paulo. **Existência e Liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

PIRES, Cecília. **Ética da Necessidade e Outros Desafios**. 1. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

SALZMANN, Yvan. **Sartre et l'Authenticité: vers une éthique de la bienveillance réciproque**. Labor et Fides. Genève, n.º 33, Janvier, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. **L'être et le Néant: essai d'ontologia phénoménologique**. Paris: Gallimard, 1943.

\_\_\_\_\_. **O Ser e o Nada - Ensaio de Ontologia Fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdigão. 17. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **L'existencialisme est un Humanisme**. Paris: Gallimard, 1996. (Collection Folio).

\_\_\_\_\_. **O Existencialismo é um Humanismo** 1. ed. Tradução e notas de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).